

História

Embora o Projeto das Cadernetas Agroecológicas esteja sendo desenvolvido atualmente (de 2016 a 2018) através de um “Termo de Execução Descentralizada” (TED) entre a Secretaria Especial da Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD) do Governo Federal e a Universidade Federal de Viçosa (UFV), “a história da Caderneta Agroecológica é anterior a isso” – é o que explica Beth Cardoso, coordenadora do Programa Mulheres e Agroecologia do CTA-ZM.

Já em 2011, a equipe “Mulheres e Agroecologia” do CTA-ZM, a partir de um Programa de Formação e com a contribuição das mulheres do Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas, criou a caderneta, a princípio, como instrumento de formação. Observando a situação de submissão e invisibilidade que as agricultoras viviam tanto nas suas propriedades quanto nos espaços de liderança, a equipe resolveu criar a caderneta para que essas mulheres pudessem registrar todo o seu trabalho na agricultura, na produção de alimentos e também a sua produção de artesanatos, a fim de que visualisassem e valorassem o trabalho que realizavam. “Nossa

proposta inicial era que as mulheres tomassem consciência do valor da produção delas, principalmente da produção do quintal, pois ele é um espaço que sempre foi visto como de socialização, mas nunca foi visto como espaço de produção e como objeto de políticas públicas”, afirma Beth.

A formação foi um sucesso. As mulheres aprovaram a caderneta e os depoimentos que vieram na sequência foram bastante positivos: elas perceberam que de fato alimentavam a família através da produção para autoconsumo. “Até então, no máximo uma delas conseguia anotar aquilo que vendia, mas nunca o que consumia, que doava, trocava, que são relações muito comuns na agricultura familiar e camponesa”, conta Beth. Informações que nunca haviam sido sistematizadas, anotadas, agora eram instrumento não apenas de formação como de transformação e mudança de vida das mulheres. A partir daí surgiu a ideia de desenvolver um trabalho sistemático com as Cadernetas Agroecológicas.

Em 2013, o CTA-ZM iniciou um projeto nacional (financiado pela União Europeia) em parceria com o Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA) – que também envolvia outras redes regionais de mulheres: Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia (RMERA); Rede de Mulheres Produtoras do Nordeste (RMPNE); Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), na região Sul; GT Gênero e Agroecologia, na região Sudeste; e também o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas, que é um movi-



Tem produção agroecológica nos quintais de Mulheres da Zona da Mata? Uai, ora se tem! Tem demais da conta, sô!!!

mento da região de atuação do CTA-ZM. Beth explica que o Programa de Formação Mulheres e Agroecologia, da Zona da Mata Mineira, serviu de modelo para um programa de formação a ser realizado por essas redes. Com o apoio de um coletivo de técnicas e agricultoras de todo o Brasil foi feita a revisão da metodologia para que ela tivesse um caráter nacional e atendesse às especificidades das regiões. Foi então que, entre 2013 e 2015, o CTA-ZM, em parceria com o GT Mulheres da ANA, realizou o “Programa de Formação Feminismo e Agroecologia” e, de novo, utilizou a Caderneta Agroecológica, desta vez para todo o Brasil. A recepção da Caderneta foi tão boa quanto na Zona da Mata. E em um diálogo com o governo, a Diretoria de Mulheres do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) se interessou no resultado da sistematização: “A gente já tinha feito a princípio uma sistematização da Zona da Mata e do Sertão do Pajeú, em 2015, aí elas propuseram: ‘Se colocarmos recursos, vocês sistematizam isso no Brasil todo para subsidiar uma política de fomento para os quintais das mulheres?’ E foi assim que surgiu esse ‘TED’, através de uma parceira da UFV com o GT Mulheres da ANA e o CTA-ZM”, conta Beth.

Para o ex-Subsecretário de Desenvolvimento Rural da SEAD, Marcelo Martins, além de mostrar a real importância do trabalho e do resultado dos quintais conduzido pelas mulheres, a caderneta contribui para

o empoderamento das agricultoras: “As mulheres que historicamente estavam ali num segundo plano, marginalizadas, subjugadas, agora descobrem o seu poder, a sua importância dentro do seio familiar, e mostram isso numericamente para os maridos. Através da Caderneta Agroecológica essa importância é mensurada. E contra números não tem contra argumentos”, afirma.

Marcelo também destaca a relevância do projeto ao englobar o “tripé ensino, pesquisa e extensão” na UFV. “Esse projeto rompe as barreiras que estavam previstas e passa a envolver pesquisadores da área de mestrado, doutorado, iniciação científica. Isso não estava desenhado inicialmente, então mostra que a instituição está depositando confiança, está depositando perspectiva de ampliação do projeto”.



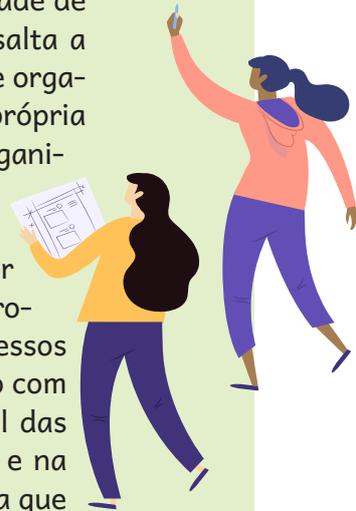
I Seminário Nacional das Cadernetas Agroecológicas com participação de agricultoras, pesquisadoras e técnicas.





Pesquisa + Ensino + Extensão

O Diretor de Relações Institucionais da UFV, Alair Ferreira de Freitas, aponta que uma grande dificuldade das universidades brasileiras hoje é construir projetos que sejam cada vez mais interdisciplinares, que consigam articular redes e que tragam a indissociabilidade para garantir o ensino, a pesquisa e a extensão. “O Projeto das Cadernetas Agroecológicas é um modelo de projeto que as universidades estão buscando. Um projeto de ensino, pesquisa e extensão ressoa na sociedade de uma maneira muito mais efetiva do que um projeto que seja só de pesquisa ou que seja só na modalidade de ensino. E em todo esse tripé o projeto tem ações”. Alair ainda ressalta a importância da atuação em rede do projeto, que articula uma série de organizações tanto da sociedade civil quanto do poder público, além da própria universidade: “É um modelo de projeto que é fantástico. Quantas organizações tem na execução do projeto? Várias, no Brasil inteiro, e uma série de organizações de expressão na agroecologia, na agricultura familiar. A temática do projeto também é indiscutível. Se a gente for tratar de gênero e a interface que tem com agroecossistemas, com processos econômicos, há uma defasagem muito grande porque são processos velados e as universidades, de maneira geral, trabalham pouquíssimo com isso. A gente sabe que existe historicamente a negligência do papel das mulheres, mas quando a gente vai falar da economia das mulheres e na agricultura familiar, é ainda mais velado e muito pouco investido para que a gente tenha conhecimento, para que a gente produza algo que consiga dar visibilidade a esse papel e à economia das mulheres”.



Pesquisa Participante

A professora do Departamento de Solos e coordenadora do projeto “TED” das Cadernetas, Irene Cardoso, avalia que esta é uma grande pesquisa participante em rede, que incentiva as próprias mulheres agricultoras a fazerem a pesquisa na maioria das regiões do Brasil. Se a princípio as cadernetas buscavam demonstrar o que é produzido nos quintais e qual a sua renda direta e indireta, com a pesquisa foi possível perceber que o quintal é muito mais do que a geração de renda: “Quintal é segurança e soberania alimentar, lugar de qualidade de vida, porque é agradável, bonito, tem sombra, protege e fortalece o solo, cria condições para que os animais tenham qualidade de vida melhor também... E essa pesquisa em rede é que está mostrando isso. Foi uma grande oportunidade pra gente exercitar esse olhar coletivo para os quintais, a partir das mulheres”, aponta Irene.

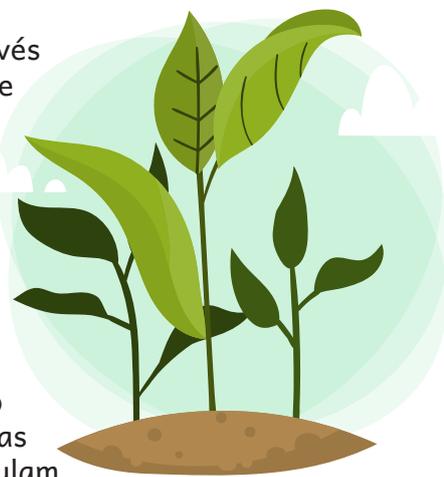
As mulheres agricultoras e camponesas são essenciais neste processo não apenas porque



Índigenas de Roraima também participaram da sistematização das cadernetas

trabalham nos quintais e são a grande fonte de informação, mas porque são elas que anotam diariamente os dados sobre a sua produção. Para Beth Cardoso, essa pesquisa não seria possível se não fosse de modo participante em rede: “Porque nós não teríamos esse número de pesquisadores e bolsistas que fossem diariamente na casa das mulheres para olhar a produção. Ou seja, se as mulheres agricultoras não fizessem esse trabalho, seria impossível a gente conseguir os resultados que temos hoje. As mulheres se sentem parte da pesquisa foi o grande segredo do sucesso de termos conseguido que 260 mulheres ficassem um ano inteiro anotando tudo o que produzem, vendem, comem, trocam, doam. É claro que a gente do GT Mulheres da ANA faz parte dessa pesquisa o tempo todo, em contato com as redes, realizando seminários regionais e seminários das pesquisadoras ligadas às universidades, também com uma equipe de sistematização em Viçosa (MG), que conseguiu colocar todos os dados regionais no mesmo formato para que conseguíssemos perceber as diferenças e o que existe em comum. Mas essa atuação das agricultoras é um trabalho muito importante. E por que elas fizeram isso? Por um motivo: elas também são militantes, feministas, dos movimentos de mulheres, das redes e queriam contribuir para que a gente

puddesse provar, através de uma pesquisa, que de fato essa produção dos quintais das mulheres é muito importante para a manutenção da agricultura familiar e camponesa no Brasil. A gente agradece a essas mulheres que são muito sobrecarregadas de trabalho, que acumulam o trabalho da roça e o trabalho doméstico, que na maioria das vezes fazem tudo sozinhas, e ainda tem esse trabalho do quintal que é o xodó delas. O tempo que têm livre estão dedicando à horta, pomar, galinhas, criação de outros pequenos animais, plantas medicinais, ornamentais, uma profusão de coisas. E a gente deu mais um trabalho para elas, sabendo que nem todas iam conseguir, por isso distribuimos mais cadernetas do que precisávamos para a pesquisa. Mas as que toparam disseram: ‘Olha, eu vou me esforçar pra contribuir e provar que o trabalho das mulheres é muito mais importante do que parece’. O quintal tem uma movimentação econômica que nem sempre é visível e precisava ser revelada”, destaca Beth.



O “quintal” foi definido de maneira coletiva pelas pesquisadoras como: “local de trabalho e experimentação, de forma autônoma da mulher, para produção da agrosocio-biodiversidade, soberania e segurança alimentar”. A definição foi importante para que o termo englobasse os diversos locais de trabalho e experimentação das diferentes mulheres agricultoras e camponesas em todo o país – uma vez que na Amazônia o que é considerado quintal pode ser muito destoante da região Sul, por exemplo.



Quintal em Minas Gerais

Avanços e Desafios

Os avanços são inúmeros e significativos. O fato das mulheres começarem a reconhecer a importância e o valor do seu trabalho poderia ser o principal deles, pois é a partir deste reconhecimento que há um impacto na autoestima das mulheres, na sua autonomia, e que começam as mudanças nas relações familiares e nas organizações em que elas atuam

ou passam a atuar. Outro grande avanço é que algumas mulheres começaram a se reconhecer como trabalhadoras rurais, agricultoras familiares. Se antes elas se consideravam apenas donas de casa porque cuidavam da casa e dos quintais, mesmo que trabalhassem diariamente na lavoura, agora elas se reconhecem e reivindicam suas DAPs (Declarações de Aptidão ao

Pronaf).

A mestranda do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFV, Liliam Telles, ressalta que as mulheres se apropriaram da caderneta para outras finalidades inimagináveis no início do projeto. “As agricultoras falaram que a caderneta é um registro sistemático daquilo que elas produzem e que comprova a sua condição de agricultora (familiar, urbana ou rural), ajudando, por exemplo, no acesso à Declaração de Aptidão ao Pronaf. Além disso, mulheres relataram que a caderneta possibilitou comprovar perante o INSS a sua condição de agricultora para ter acesso a direitos sociais, como aposentadoria, licença maternidade”.



Tem produção agroecológica nos quintais das Mulheres da Amazônia? Éééégua, ora se tem! Tem de rocha!!!

Liliam ainda destaca que, ao reconhecer o seu próprio trabalho, as mulheres se sentem capazes de fazer negociações dentro da família, no sentido de se afirmarem como produtoras, geradoras de renda, com direito ao dinheiro e a também decidir o que será feito com ele. “Algumas mulheres relataram ter vencido o ciclo de violência a partir desse autoconhecimento do seu trabalho, isso é importante porque mexe com a autoestima das agricultoras. Outro relato das mulheres nos seminários regionais é que muitas têm dificuldade de ler e escrever, então as crianças e jovens que estão nas propriedades tiveram essa responsabilidade de ajudar na anotação das cadernetas. A partir desse apoio eles começaram a perceber melhor o que é a atividade da agricultura e a valorizar isso. Ou seja, esse processo da caderneta possibilitou que as mulheres envolvessem a juventude na agricultura, pois de modo geral as (os) jovens têm essa vontade de ir para a cidade conseguir um trabalho e ter menos relação

com a terra. Isso possibilitou uma aproximação inversa”, afirma.



Tem produção agroecológica nos quintais das mulheres nordestinas? Ora se tem! Tem é de penca!!!

Nota-se que o empoderamento e a autonomia política das mulheres também vem avançando quando as agricultoras passam a assumir cargos de liderança em grupos produtivos, cooperativas e sindicatos. A confiança em assumir esses cargos surge quando elas percebem que a sua importância não se resume ao espaço privado e doméstico. Nesse momento, elas também demonstram interesse em contribuir para que outras companheiras conquistem autonomia política, econômica e social.

Por outro lado, os desafios para o desenvolvimento das Cadernetas Agroecológicas têm sido cada vez maiores. Liliam ressalta que o início do trabalho com as Cadernetas só foi possível a partir da execução de políticas públicas do Governo Federal, como a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural e as chamadas de ATER Agroecologia. “Mas a partir de 2016, o orçamento dessas políticas sofreu cortes o que repercutiu na dificuldade de acompanhamento das organizações às mulheres que estavam anotando nas cadernetas. E a gente percebe nesse processo que o acompanhamento é necessário para que as mulheres se animem a anotar, porque anotar todos os dias não é uma coisa simples, já que elas estão trabalhando muito. Isso significa que o que temos de informação hoje é uma parcela do total que as mulheres produzem, ou seja, existe um processo de subnotificação que a gente percebe ao longo do projeto. Mas, de qualquer modo, os dados que a gente tem já indicam uma



contribuição econômica muito expressiva das mulheres para a agricultura familiar (abrangendo as mulheres que estão na agricultura familiar e camponesa no Brasil, as quilombolas, indígenas, pescadoras, ribeirinhas, agricultoras urbanas)”, aponta.



Resultados

Um dos importantes resultados percebidos durante a pesquisa foi a mobilização de recursos financeiros, através da venda dos produtos das mulheres, que é muito expressiva em todas as regiões. Uma descoberta importante é que essa



Tem produção agroecológica nos quintais das mulheres do Sudeste? Ora se tem! Tem à rodo!!!



Tem produção agroecológica nos quintais das mulheres do Sul? Ora se tem! Bah! tem tanta coisa! Tanto que é sem medida!!!

mobilização financeira acontece nas vendas de porta em porta, “em casa mesmo”, ou no acesso a mercados, quer seja as feiras, que exercem um papel muito importante na economia das mulheres, ou os mercados institucionais. Nesse sentido, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) foram políticas públicas importantes para as mulheres comercializarem seus produtos.

Um outro resultado é que a contribuição das mulheres não é apenas financeira. Ela também é fundamental na alimentação da família (autoconsumo). “Nós percebemos uma diversidade de produtos agrícolas; plantas, muitas dessas alimentícias não convencionais (PANCs); muitas raças de animais que são manejadas pelas agricultoras e muitas plantas medicinais. Isso tem um impacto para a segurança alimentar das famílias muito importante e foi bastante expressivo na pesquisa”. Além disso, o trabalho das mulheres permite que outras famílias tenham acesso a alimentação através das doações que elas fazem. “Seja doações para instituições, como igrejas, ou para a vizinhança. Principalmente as agricultoras urbanas que fazem doação para famílias que não tem acesso a alimentos, devido a situação de vulnerabilidade nas cidades. E isso é só uma síntese dos resultados das Cadernetas Agroecológicas”, afirma Liliam Telles.



Perspectivas

Beth Cardoso afirma que o que está terminando agora é apenas um projeto. “O processo das cadernetas continua. Algumas regiões decidiram usar a caderneta para monitorar os avanços da própria organização; algumas mulheres, como as indígenas de Roraima, por conta própria conseguiram a impressão de mais cadernetas e agora vão envolver mulheres de outras etnias; a gente também conseguiu, através da articulação com o Movimento Agroecológico da América Latina e Caribe (Maela), começar a acompanhar um grupo de mulheres no Uruguai; na Bahia virou parte de uma política pública, porque os editais de ATER que foram lançados pelo governo do estado vão usar a caderneta como metodologia de monitoramento da produção das mulheres; no sul do Piauí há um outro “TED” entre a SEAD e a Universidade Federal do Piauí, que também utiliza a metodologia das cadernetas. Então novos processos de sistematização estão começando e muitos movimentos de mulheres estão adotando as Cadernetas Agroecológicas como instrumento de formação, de empoderamento e para monitorar a produção agroecológica das mulheres”.



Caderneta Agroecológica



Instalação Artística Pedagógica das Cadernetas Agroecológicas na Troca de Saberes (UFV/2015)

Para mais informações sobre as Cadernetas Agroecológicas, acesse o site do CTA-ZM: www.ctazm.org.br ou entre em contato pelo telefone: (31) 3892-2000.

Autores: Wanessa Marinho e Arquivo CTA-ZM
Revisão: Beth Cardoso e Wanessa Marinho
Fotografia: Arquivo CTA-ZM e Projeto das Cadernetas Agroecológicas
Ilustrações decorativas: <http://br.freepik.com/>
Arte gráfica e diagramação: Rodrigo da Silva Teixeira

APOIO:



SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

